O FIO DA MEADA

Laurindo Leal Filho

Há 36 anos, no primeiro trimestre de 1950, surgia o primeiro número da Revista da Universidade de São Paulo. Tratava-se de um esforço no sentido de concretizar, através de uma publicação desse tipo, o processo de integração dos institutos de ensino superior do Estado, formadores da Universidade.

Era uma Universidade adolescente. Debutante. Buscava afirmar-se como instituição adulta, articuladora dos vários ramos do conhecimento, mas padecia ainda da imaturidade causada pelo agregado de institutos de ensino e pesquisa vinculados a diferentes ramos do conhecimento. Para se ter idéia do que foi essa fase de crescimento e afirmação basta lembrar que das 17 instituições agrupadas para compor a Universidade de São Paulo, em 1934, tínhamos em 1950 a USP formada por 9 institutos universitários (Faculdade de Direito; de Medicina; de Filosofia, Ciências e Letras; de Farmácia e Odontologia; de Medicina Veterinária; da Escola Politécnica; da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"; da Faculdade de Higiene e Saúde Pública; de Ciências Econômicas e Administrativas; e de Arquitetura e Urbanismo); por 3 instituições anexas (Instituto de Pesquisas Tecnológicas; Instituto de Eletrotécnica; e Instituto Astronômico e Geofísico) e por 12 instituições complementares (Instituto Agrônomo; Departamento da Produção Vegetal, Instituto Butantã; Instituto de Rádio "Arnaldo Vieira de Carvalho"; Instituto Biológico; Museu Paulista; Serviço Florestal; Escola Livre de Sociologia e Política; Escola de Polícia; Departamento de Assistência a Psicopatas; Departamento de Zoologia; e Departamento de Assistência ao Cooperativismo). São elementos suficientes para caracterizar uma crise de crescimento, típica da adolescência.

A Revista da Universidade de São Paulo surgia como elemento capaz de favorecer a superação dessa crise. Na apresentação do número um esse objetivo era nítido, ao afirmar que a Revista surgia "num momento em que os institu-

tos de ensino superior do Estado atingem a sua maturidade para a vida cultural, constituindo um todo que se projeta além dos próprios limites e que se confunde com a vida da comunidade a que pertence” A inserção da Universidade no contexto social abrangente era uma preocupação central. Mas ao lado dela havia também a preocupação com a sua dinâmica interna. Na mesma apresentação dizia-se que “seguindo a tendência da universalização dos conhecimentos, servirá a ‘Revista da Universidade de São Paulo’ de veículo de cultura entre os institutos de ensino superior e, em plano mais amplo, entre as Universidades do País e do Exterior”

Na descrição desses propósitos estão dois elementos básicos da Revista que permanecem atuais: o seu papel de ligação com a Sociedade abrangente e sua tarefa de aproximar áreas do conhecimento, muitas vezes dispersas e fragmentadas. A preocupação dos anos 50 é a preocupação de hoje. Apesar de ter-se tornado adulta, a Universidade não se livrou dos seus traumas infantis. A relação com a Sociedade ainda é problemática e as dificuldades para a vivência da interdisciplinariedade são reais.

Para melhor compreender essas manifestações traumáticas persistentes é preciso recordar que a fase adulta mais recente da Universidade não foi um “mar de rosas” Recentemente, o professor Antonio Candido Mello e Souza referiu-se a essa situação lembrando que “aqui e ali, surgem indícios de um fato curioso: quando finalmente a Universidade de São Paulo definiu-se como realidade material, traduzida nas instalações adequadas, e quando, ao mesmo tempo, conseguiu superar o particularismo reinante em muitos dos institutos que a integraram, o vasto conjunto mergulhou na era das crises e das perplexidades agudas”¹

Infelizmente a Revista da Universidade de São Paulo não é testemunha dessa situação. Ela não acompanhou a passagem da USP para a sua fase adulta. Num esforço de imaginação, tomando nas mãos o primeiro e, até ontem, único número da Revista, poderemos avaliar a importância que

ela teria, primeiramente atingindo seus objetivos precípuos acima mencionados e, agora, servindo como inestimável documento histórico.

A simples menção dos artigos publicados no número um dá conta do universo cultural a que se vinculava a Universidade. O professor Miguel Reale, Reitor da USP, discorria sobre a "Liberdade Antiga e a Liberdade Moderna"; eram reproduzidas 2 conferências sobre Kierkegaard, uma em francês, proferida pelo professor Fritz Joachim Von Rintelen e outra pelo professor Nicola Abbagnano; "Shakespeare e Garrett" era o tema de artigo do professor Fidelino de Figueiredo; muito antes de se pensar no PROÁLCOOL, a Dra. Alice Piffer Cannabrava escrevia "Um Capítulo da História das Técnicas no Brasil: O Emprego do Bagaço da Cana como Combustível dos Engenhos"; "Apontamentos para a História do Simbolismo no Brasil" era o tema de José Aderaldo Castello; o Dr. Renato Cirell Czerna escrevia "Acerca de uma Interpretação Jurídico-Filosófica do Fausto"; sobre "Goethe" discorria o Dr. Pedro de Almeida Moura e o professor Aroldo de Azevedo falava do "Recôncavo da Bahia, estudo de uma geografia regional"

Nas 6 páginas dedicadas ao noticiário informava-se, por exemplo, as realizações do Departamento de Cultura e Ação Social da Universidade no ano de 1949, destacando-se entre elas as palestras do professor João Cruz Costa, da Faculdade de Filosofia, sobre a sua experiência americana; do escritor Agripino Grieco sobre os "Panfletários Católicos do Brasil"; do professor Quirino Cotas Thompson, da Faculdade de Medicina de Assunção sobre "Radiologia"; do curso de Sociologia ministrado pelo professor Lourival Gomes Machado, da Faculdade de Filosofia, em 4 aulas, através da Rádio São Paulo-Ribeirão Preto e da "sessão de audição de discos, com comentários, na Galeria de Arte Itapetininga" organizada por Gustavo Stern.

Era o retrato da Universidade da época. A Revista cumpria fielmente o seu papel. Nela estava uma clara tentativa de

universalizar o conhecimento e de mostrá-lo à Sociedade. Mostrar que em sua adolescência a USP já chegava perto daquilo que Antonio Candido diz chamar-se de “maneira meio retórica de ‘espírito universitário’ o sentimento de que existe um todo, não apenas a soma das partes”²

É esse espírito que a Revista da USP, em seu número dois tenta recuperar da edição inicial. Os 36 anos que separaram uma da outra mostram, pela ausência da Revista, a sua importância e a necessidade de sua consolidação como veículo vivo de atuação e influência no momento presente e de repositório de uma história que se faz no dia-a-dia do trabalho universitário.

BIBLIOGRAFIA

1. SOUZA, Antonio Candido Mello e — *Corpo e Alma da Universidade* in “O espaço da USP: presente e futuro” — Prefeitura da Cidade Universitária — São Paulo — 1985
2. Idem

FICHA CATALOGRÁFICA

Leal Filho, Laurindo, "O fio da meada" in Revista da Universidade de São Paulo, n.º 2, agosto de 1986, pág. 05 a 10